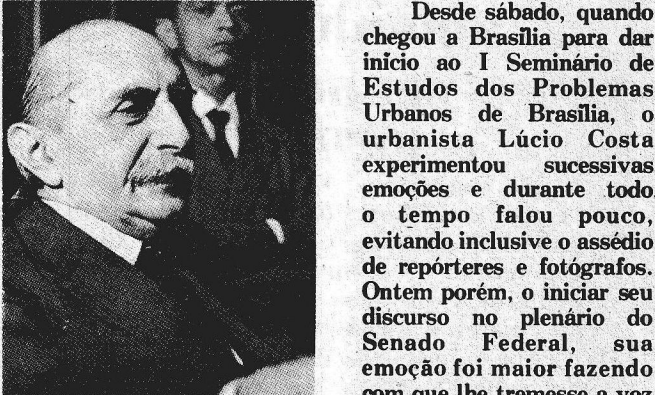


Emoção no Senado e depois visita à UnB



Desde sábado, quando chegou a Brasília para dar início ao I Seminário de Estudos dos Problemas Urbanos de Brasília, o urbanista Lúcio Costa experimentou sucessivas emoções e durante todo, o tempo falou pouco, evitando inclusive o assédio de repórteres e fotógrafos. Ontem porém, o início seu discurso no plenário do Senado Federal, sua emoção foi maior fazendo com que lhe tremesse a voz e lhe viessem lágrimas. O plenário e as galerias completamente lotadas - principalmente por arquitetos, professores e estudantes de arquitetura - irromperam em aplausos e, à frente do urbanista, fotógrafos e cinegrafistas insistiam em registrar todos os seus gestos.

— Tirem essas luzes de cima de mim, pediu de um modo que fez todos rirem. Com isso, ele se descontraíu e continuou seu discurso sendo várias vezes interrompido pelos aplausos da assistência.

Antes de se dirigir à mesa diretora dos trabalhos, onde se encontravam o presidente do Congresso, Paulo Torres, o senador Catete Pinheiro e o governador Elmo Farias, Lúcio Costa lembrou o trabalho dos três brasileiros que, segundo ele, construíram Brasília: “o presidente Oliveira” (Juscelino Kubitschek), “o arquiteto Soares” (Oscar Niemeyer) e “o engenheiro Pinheiro” (Israel Pinheiro).

Referindo-se a “ala norte”, “ala sul”, “plataforma” e “setor

urbano” - termos hoje em desuso - Lúcio Costa continuou seu discurso criticando a falta de continuidade das obras previstas pelo plano piloto, enfatizando que não há necessidade de reformulação, “mas sim de atualizar e de criar condições para que o plano, alcançando a sua plenitude, possa expandir-se, desenvolver-se”. Declarou ter ficado chocado, ante mesmo de descer do avião, quando observou do alto, a ausência de árvores frondosas separando as superquadras.

Frisou que o crescimento da cidade ocorreu de “forma anômala”. Para o Plano Piloto estava prevista uma população de 500 a 700 mil habitantes e que só depois

de alcançado esse total é que se começaria a construção das cidades-satélites. Isto não pôde ser feito porque os operários que afluíram para a construção aqui ficaram. Esperava-se que um terço deles voltasse para seus estados; um terço seria absorvido nas diversas atividades e o outro terço seria encaminhado para as atividades agrícolas. Mas, não foram construídas as fazendas e modelos previstos.

As 15 horas de ontem, Lúcio Costa falou para uma audiência de alunos e professores num pequeno auditório do Instituto Central de Artes da Universidade de Brasília. Ao final dessa palestra, que foi marcada pelo bom humor do urbanista, mais

um passeio foi acrescentado na agenda do ilustre visitante. Desta vez, ao campus universitário.

Como na abertura do Seminário sobre os problemas do Distrito Federal, às nove horas, Lúcio Costa falou com serenidade e emoção sobre o seu “plano piloto”, abordando quase sempre os mesmos temas de que falara no plenário do Senado Federal.

Diante das perguntas dos alunos e professores, ele demonstrou mais uma vez sua fidelidade ao plano da cidade que criou e reforçava sempre não ter encontrado, razões para “reformulações que completem a ideia inicial do plano”. Acha que está havendo uma certa dramatização em relação a muitos problemas que, na

realidade, são pequenos.

Perguntando sobre que ensinamentos de arquitetura se pode seguir de Brasília, Lúcio Costa respondeu inicialmente que “seria ver como não proceder em determinadas circunstâncias”. Em seguida, considerou achar válido o princípio das quadras - este seria um ensinamento -, afirmando que Brasília é um exemplo de como não urbanizar. O aconselhável é planejar a região para que a cidade se desenvolva espontânea e harmoniosamente, “como uma planta, uma flor” e não como uma coisa impositiva, como fazer uma cidade em três anos.

Abaixo, tudo o que Lúcio Costa falou no Senado.



LÚCIO COSTA DISSE:

Atendendo a uma cortej intimação do senador Catete Pinheiro, uma intimação extremamente cortej, que veio se somar a um prévio convite do governador Elmo Serejo Farias, aqui estou nesta cidade, nesta cidade que inventei, nesta cidade que se adensou, que se transformou e que agora me surpreende pelo vulto, pelo sentido que adquiriu de verdadeira Capital do País.

É estranho o fato, essa sensação de quem uma simples idéia na minha cabeça se transformasse nessa coisa enorme, nessa coisa densa, imensa, viva que é a Brasília de hoje (nesse ponto, Lúcio Costa, emocionado, pede silêncio por alguns instantes). Bem sei que o que os preocupa e os congrega aqui não são divagações sobre os antecedentes de Brasília, já conhecidas, sobre a história de como a coisa ocorreu, nas os problemas atuais, os problemas do futuro de Brasília, isso que os traz a esse seminário, oportunamente idealizado e posto em ação pelo Senado, pela Comissão do Distrito Federal.

Tenho a impressão de que antes de começarem os trabalhos do seminário propriamente dito, será de todo conveniente que todos tenham presente o que foi a realização desta obra gigantesca, desta obra comovente, desta obra fundamental para o país. Porque, se não tiverem no espírito a consciência desse lastro, em que Brasília se apóia, haverá sempre o risco de soluções e das proposições um tanto improvisadas e capazes de desvirtuar as idéias fundamentais que orientaram o nascimento da cidade o que, tenho a impressão, se impõe preservá-las (as características fundamentais da cidade).

Mas, é justamente para repor a coisa nessa perspectiva. O meu primeiro pensamento é voltado para aqueles que, de fato, construíram esta cidade. Primeiro, essa massa sofrida do nosso povo, que constitui o baldrame da Nação e que afluíram para cá, a fim de realizar essa obra num prazo exíguo, com sacrifícios tremendos e com grande idealismo, apesar de terem sido atraídos inicialmente pela necessidade do dia-a-dia, de conseguir mais algum dinheiro para as suas famílias. Quer dizer, esse lastro, essa população que afluíu e que aqui está e que não quis voltar para casa, que aqui permaneceu e se espalhou e forçou essa inversão da ordem natural do planejamento, que era que as cidades-satélites viessem depois da cidade concluída, depois da Cidade adensada devidamente, e houve essa inversão; essa população não quis voltar, apesar de todas as previsões na época estabelecidas e planejadas para que, pelo menos, um terço da população regressasse ao terço fosse absorvido pela própria atividade local e que, finalmente, o terceiro terço fosse absorvido em atividades agrícolas, pois era uma população de antecedentes rurais.

A NOVACAP, de início, teve o cuidado de estabelecer convênios com o Ministério da Agricultura para criar fazendas-modelo para periferia do Distrito Federal, do Plano Piloto, para absorver exatamente esta população. Mas, esse plano muito sensato desvaneceu-se, não foi levado adiante, lamentavelmente como tantas vezes ocorre aqui em nosso país.

Mas, além dessa população, dessa contribuição, dessa mão-de-obra, desse amor dessa população que afluíu aqui, o que desejo relembrar e marcar o meu reconhecimento e que eu gostaria fosse o reconhecimento de todos os participantes do seminário, por três figuras, três personalidades que realmente tornaram viável essa idéia, em um prazo extremamente curto para a nova Capital.

O Presidente Oliveira

Inicialmente, como todos têm no espírito, o presidente Oliveira, não reparem, o presidente Oliveira, como era conhecido então em Portugal, em Portugal era apenas conhecido como o presidente Oliveira, e eu acho extremamente simpático, de modo que, tive vontade de lembrar. O segundo, o arquiteto Soares, para homenagear o pai de Oscar Niemeyer.

Finalmente, o engenheiro Pinheiro, que, despendido do nome bíblico, parece até outra pessoa. Engenheiro Pinheiro sou assim um pouco diferente. Mas essas três personalidades excepcionais fizeram Brasília.

Eu gostaria de caracterizar, através da minha experiência de contato, assim ligeiro com cada uma delas, a impressão que me deixaram. O Presidente, realmente, foi um homem de visão. Lembro-me que, quando foi começada a construção da cidade, eu propus a ele que não fizesse logo a Plataforma que era uma obra de vulto, uma obra dispendiosa, uma obra de proporções enormes, e que se concentrasse mais na construção de uma ala da cidade e fosse aos poucos estendendo essa ala, desenvolvendo parte por parte, assim no sentido horizontal. Ele virou-se para mim e disse: “Não Sr., eu faço questão de fazer essa Plataforma — são 600 metros. Eu faço questão de fazer essa Plataforma porque, se não fizer, há risco de feita no futuro ou ser protelada indevidamente, e isso eu sei que compromete a concepção do seu plano. A concepção do seu plano é baseada nesse cruzamento dos dois eixos em vários níveis. Sem a plataforma isso não funcionará, ainda que para o uso atual inicial da cidade não seja de fato necessária.

E preciso fazer o superlúcio”, ele me disse, “porque o necessário será feito de qualquer maneira. O superlúcio é que é preciso ser feito agora, porque será necessário amanhã, e se não for feito agora a cidade correrá o risco de atrofiar-se, de não realizar-se na sua plenitude”. Achei isso extraordinário, marcou-me profundamente o espírito essa visão, essa coragem, essa decisão do Presidente. Como complemento, disse-lhe ainda, noutra ocasião, que eu achava melhor deixar a Ala Norte para o futuro, para outras administrações fazerem. Mas ele virou-se para mim, com aquele ar, assim um pouco infantil que às vezes ele tem, e disse: “Não, senhor, quero fazer e deixar a estrutura de ponta a ponta, teremos a cidade já montada e iluminada”. No espírito dele, como uma criança, queria ver o brinquedo montado, acesso, iluminado, isso dentro do período exíguo dos três anos da sua Administração. Achei isso de fato uma coisa fantástica de candura e de disposição, de idealismo, muito bonito da parte dele.

Oscar Niemeyer, um homem extraordinário, quem conhece sabe do seu apego ao Rio de Janeiro,

àquelas amizades, aquela vida carioca — ele é um carioca 100%, nato, um autêntico carioca. Ele largou tudo, despreendeu-se e veio com armas e bagagens para instalar-se aqui. Trouxe o seu grupo de arquitetos, seus engenheiros e todos aqui acamparam e ficaram trabalhando com sacrifícios enormes, mas possuídos de ânimo, de um entusiasmo de uma coisa que é respeitável.

Cosinhas que acontecem

Eu teria pena que, durante este seminário, estas coisas, todo mundo preocupado com os cruzamentos, com umas cosinhas que acontecem, com umas dificuldades, uma série de pequenos embaraços, que essas coisas avulsassem no espírito de todos. Que essas coisas que estou querendo lembrar, inicialmente, com uma profunda gratidão, essa dedicação se transportou para cá e dedicou-se de corpo e alma à obra e realizou essas construções fundamentais que caracterizam, que marcam Brasília; marcarão para sempre a Capital, apesar do crescimento da cidade, com aquela beleza espontânea, aquela beleza pura, aquela intenção de graça e pureza que é o característico de sua obra, da sua obra arquitetônica que é uma obra idealizada muito diferente de várias concepções arquitetônicas hoje em moda. São abordagens que encaro todas válidas, naturalmente, mas com outras intenções. Mas, a intenção dele, felizmente, ainda era essa nesse período em que havia uma certa pureza formal sem prejuízo do aspecto das características orgânicas e funcionais de toda obra arquitetônica evidentemente. Mas, é um estilo pessoal dele, Niemeyer, e que marcou esta cidade, definitivamente, com estas obras que aí estão, este conjunto que eu tenho percorrido. Percorri primeiro com o senador Catete Pinheiro, depois voltei em vários momentos. Isto do espírito de muitas das pessoas que estão preocupadas com os problemas da cidade, isto são coisas cotidianas e que já não interessam mais, e os problemas são outros. Mas, acho que isto é muito importante para elevar o espírito e sentir que os assuntos de Brasília não podem ser tratados de uma forma precipitada, não direi leviana, mas em todo caso, uma forma unilateral e que possa desvirtuar o que ela tem de fundamental e característico.

Agora, o nosso amigo Israel Pinheiro, uma pessoa que eu não conhecia, é uma personalidade contraditória, mas criticada. No convívio de três anos que eu tive com ele, assim, bastante próximo, aprendi a admirá-lo, respeitá-lo, fiquei gostando de Israel Pinheiro, e a sua energia, a sua dedicação de homem de ação, com todos aqueles riscos e perigos que implicam essa paixão executiva, como era a dele, e ele estava habituado a mandar, como fazendeiro, impor a sua vontade. Isso é um risco? E esse risco, justamente, aflorou em determinada circunstância.

Essa personalidade peculiar do dr. Israel Pinheiro aflorou durante certa fase das obras, e isso era um risco, porque ele estava habituado em Araxá, em Belo Horizonte, a alterar projetos, e fazer aquilo que lhe parecia mais aceitável. De modo que, dentro da fase inicial dos trabalhos, essa maneira de agir criou certas dificuldades, porque ele tinha tendências a se permitir a certas alterações, e criou impasses, às vezes, com Oscar Niemeyer. E, ali, mais uma vez, o Presidente revelou o administrador, o homem de visão que ele era. Depois de certos episódios, fixou claramente o setor de cada um. Disse ele: “O que for de arquitetura é o Oscar Niemeyer que delibera: de urbanismo é o Lúcio Costa; e de execução é sua. E, fora daí, nada de interferências”. Assim foi e correu tudo bem por diante.

E preciso martelar

Antes de tratar dos casos mais específicos da cidade, gostaria, justamente dentro desta mesma linha de pensamento, de contribuir para que os presentes, as pessoas que se congregaram para esse Seminário, de lembrar certas características fundamentais das concepções de Brasília. Embora conhecidas de modo geral, é preciso estar martelando um pouco para que essas poucas características próprias de Brasília estejam presentes.

Essas características de Brasília, quais são? O primeiro fato, do centro administrativo, de Brasília, sendo esta uma Capital, não estar no centro da cidade propriamente dito.

O normal seria um centro administrativo envolvido pela área urbana. Mas, na concepção de Brasília, o que caracteriza Brasília é que esse centro administrativo foi levado ao extremo da composição urbanística da cidade, de modo que, essa Praça dos Três Poderes — como eu chamei ao Plano Piloto, expressão esta que pegou, ficou e ficará para sempre, a Praça dos Três Poderes, essa Praça dos Três Poderes da Democracia — essa Praça onde esses Três Poderes são como que oferecidos ao povo, na extremidade, como na palma da mão de um braço estendido, em a Esplanada dos Ministérios, na palma da mão os Três Poderes são oferecidos ao povo.

Essa é a idéia simbólica algo romântica, talvez, essa idéia é uma das características do Plano de Brasília.

No meu espírito, quando tive essa intenção, de marcar essa posição da Praça era, em parte, com o objetivo de acentuar o contraste da parte civilizada, da parte de comando do país, da Nação. E, em contraste com a natureza agreste do cerrado.

O cerrado e a Praça

A minha idéia, é que a natureza do cerrado viesse de encontro desse arrimo triangular que caracteriza a Praça dos Três Poderes. É um triângulo equilátero. Os Três Poderes acentuados, cada um num vértice. Então, esse contato direto desse triângulo, como o cerrado, no meu espírito romântico, um pouco romântico, eu imaginava que isso teria um sentido.

Esse cerrado representaria esse povo, essa massa de povo sofrido que é o baldrame da Nação.

Esse cerrado estaria ali e o poder da Democracia oferecido ao povo. Essa idéia foi logo destruída, sem querer, pelas máquinas de terraplenagem, que, quando dei por mim, já haviam arrasado, completamente, revolido a terra em volta da Praça dos Três Poderes. E o cerrado, como sabem, uma vez destruído não recupera. De modo que, agora, trata-se simplesmente de compor um fundo para a Praça e tive ocasião de sugerir a tempo, porque, atualmente, não está muito satisfatório. Aquele fundo de vegetação que plantaram, indaguei, não se dá muito bem aqui. O pinheiro do Paraná, araucária, é um pinho que tem uma copa muito bonita e que se vai somando como os pinheiros de Roma. Com aquele verde escuro do pinheiro fará um belo contraste com os edifícios de mármore branco da praça. Esse aspecto, talvez no futuro se possa pensar. Essa é uma das características de Brasília: uma praça no extremo da cidade onde esta termina.

Outra característica é o fato da convergência das rodovias para o centro urbano, ou seja, habitualmente as estações rodoviárias são postas nas suas periferias. Então, os passageiros ali chegam, sofrendo o problema da saída para se transferirem para o sistema viário local urbano. Em Brasília, pelas características do traçado na concepção, esse centro rodoviário foi localizado no próprio coração da cidade — acho que esta característica deve ser mantida. Sinto que há uma certa tendência a desejar a criação de outras estações rodoviárias, talvez fora ou na estrada de ferro: ou da extremidade das duas alas. Mas, acho que, enquanto for possível manter a estação rodoviária no coração da cidade, devemos fazê-lo. A idéia de que a estação rodoviária já está ficando saia — acho que esta característica deve ser mantida — não corresponde inteiramente à realidade, porque ela parece saturada e está sendo utilizada para finalidades de outra natureza. Isto é, os ônibus estacionam indevidamente, abastecem e ficam como se estivessem numa garagem. Ali não é uma garagem, é uma estação rodoviária.

De modo que essa característica de Brasília deve ser mantida enquanto for possível.

"As crianças estão ali"

Outra característica de Brasília, finalmente, é a criação das quadras. A criação das quadras é uma contribuição de fato original, é uma inovação e, eu tenho a impressão que, bem ou mal, deu resultado, embora não tenha sido levada adiante de uma forma inteiramente satisfatória. Mas, essa idéia deve ser mantida, principalmente com construções e edificação de seis pavimentos e não mais. É fundamental que nessas quadras residenciais se evite inovações no sentido de gabarito mais alto a pretexto de maior densidade e etc... como ocorrerá certamente no futuro.

De modo que eu acho que, se o Seminário puder apreender bem o sentido, a significação dessas quadras como área de vizinhança, com áreas em que o morador, apesar da massa das edificações, esse limite de seis pavimentos e não mais, é fundamental que nessas quadras estabeleça uma certa intimidade a essas quadras, uma certa segurança em que as crianças estão ao alcance da voz — como se diz — as crianças estão ali, mas, estão sempre ao alcance. Transformar essas quadras em quarteiros com grandes edifícios em altura, seria descharacterizar completamente a idéia fundamental de Brasília, que é criar áreas de vizinhança agradáveis, em que a pessoa se sinta, de fato, desprezada da área urbana. Essa característica ainda não avultou visualmente, apesar de 13 ou 14 anos decorridos.

Fiquei chocado quando me aproximei e, lá da cabine do avião, não vi nenhum quadrado verde e o que se imaginava no início e que William Holford, que foi o presidente da comissão julgadora, acentuou muito na época, que essas quadras arborizadas, densamente arborizadas na sua periferia, no seu enquadramento daria um aspecto à cidade, um caráter completamente diferente.

É fácil imaginar todas essas quadras cercadas de massa pesada, de vegetação de copa densa. Siguiro até que essa vegetação seja bastante uniforme e proporcional à área da vizinhança, acentuando, então, que é uma árvore muito bonita, de folha mole e de copa densa: ficus benjamina, ficus microcarpa. São três tipos de ficus que deveriam constituir essas molduras, esse enquadramento verde, para definir de fato um espaço das quadras e criar um ambiente mais acolhedor, mais íntimo, de ar mais puro. Seria uma vantagem enorme, eu lamento que não tenha sido, apesar das constantes solicitações que se fizeram durante as sucessivas administrações. Aliás, por falar em sucessivas administrações, no começo, quando acentuai, que devemos agradecer os construtores de Brasília, o nosso apreço, a nossa gratidão: mesmo às sucessivas administrações que houve na cidade, à NOVACAP, aos prefeitos, aos governadores. Cada um contribuiu com o que pôde, da melhor maneira, com a melhor das intenções, embora, uma vez ou outra, essas intenções não correspondessem, exatamente, aos propósitos iniciais. Mas, em todo caso, houve uma contribuição enorme; e isso é uma coisa que não pode deixar de ser assinalada, aqui. Essas idéias das quadras é fundamental ter presente e procurar defender da melhor maneira possível, para evitar que no futuro a cidade possa ser descaracterizada. Tanto mais, o objetivo também final vai contribuir e manter a horizontalidade nessas seis quilômetros de cada lado, para que o centro urbano, então, se defina em altura no centro dos cruzamentos dos eixos. Agora, como havia acentuado o senador, lembrando que a cidade havia sido concebida em função das três escalas. Aqui se acresce uma quarta escala e, no fundo, as três escalas como os Três Poderes eram quatro: a Escala Gregária, a Monumental, a Cotidiana e a Bucólica. A Escala Bucólica é importante, pois eu, percorrendo a cidade em sua periferia, verifiquei que a idéia inicial de não se construir a cidade ao longo do lago, mas sim recuada para permitir que a orla do lago pudesse ser utilizada com clubes para hora de recreio, devaneio, não foi respeitada. Essa era a quarta escala. Há uma série de problemas que precisam ser focalizados e que, naturalmente, o Seminário nos dará a oportunidade de defini-los.

Reformular plano? não

Sou contra essa idéia de reformulação do plano de Brasília. Ouço muito a falar em reformular o plano de Brasília. Não se trata de reformular coisa nenhuma. Trata-se de atualizar e criar condições para que o plano de Brasília, alcançada sua plenitude, possa expandir-se, crescer e desenvolver. Mas isso não é uma reformulação do plano propriamente dito porque, assim, como o plano estabeleceu que o desenvolvimento regional seria ao contrário da norma, seria uma decorrência do fato da implantação da cidade que normalmente é inverso. No caso de Brasília, pelas circunstâncias, foi exatamente o contrário. Da mesma forma o crescimento da cidade é que ocorreu de forma anômala. Não houve essa inversão, que todos conhecem, porque o plano estabelecido era para que a cidade se mantivesse dentro dos limites para os quais foi planejada, no limite de 500 a 700 mil habitantes, o limite da cidade. E atingindo, ao aproximar-se este limite, então, é que seriam planejadas as famosas cidades-satélites, para que as cidades se expandissem ordenadamente em cidades racionalmente projetadas, arquitetonicamente definidas. Mas, ocorreu essa inversão porque a população que afluíu para cá, aqui ficou e surgiu esse problema premente de onde localizá-la. E a NOVACAP, Israel Pinheiro e todos que resolveram — porque em volta de cada canteiro de obras havia favelas que envolviam — as famílias dos operários — criar os núcleos periféricos para transferir essas populações, dando terreno para que se instalassem de uma forma ou de outra.

E isso, naturalmente, antecipou. Esses núcleos se transformaram em verdadeiras cidades, chamadas cidades-satélites, e tomaram o lugar das cidades-satélites devidas, que deveriam ocorrer. Essas cidades-satélites se anteciparam às cidades inconclusas, às cidades ainda arquipélago como estavam e, agora, já estão mais adensadas. Em todo o caso, ainda não concluídas, as cidades ainda estão ocias, bastante ocias. Entretanto, 2/3 da população mora nessa periferia. Isso foi, naturalmente, um desvirtuamento, mas não implica numa reformulação do Plano Piloto.

como evitar o desastre

O Plano Piloto tem características próprias e deve ser mantido. O que deve ser feito é prever áreas adensadas para a expansão da cidade, de forma a impedir, isso é fundamental, que as cidades, através das vias de conexão com as chamadas cidades-satélites, se alonguem e se instalem ao longo dessas vias, emendando o núcleo à matriz, o chamado Plano Piloto às chamadas cidades-satélites. Isso seria um desastre. É uma coisa que precisa ser impedida de todos os modos. E, por isso, é que a proposição racional atualmente, e que o seminário com certeza vai considerar, é garantir, de fato, dois anéis em volta do núcleo piloto, propriamente dito. Quer dizer: entre a Matriz Brasília e as cidades-satélites. São áreas que deveriam ser estimuladas para as atividades agrícolas. É a única maneira — porque são áreas de cultura — de evitar a ocupação indevida dessa área, com atividades de outra natureza que, aos poucos, tendessem à criação de um subúrbio... de modo a propiciar condições para que a agricultura e as granjas se instalem nessa área, nesse anel, quer dizer: das vertentes internas de Brasília.

Indústrias para absorver

Agora, ao contrário, propiciar condições para que a atividade industrial compatível com o Distrito Federal — que são muitas — se instale além desse anel de cidades-satélites, no que ainda não foram ocupadas, em vez de ficarem em função do centro da Matriz, tenham opção de se afastar para a periferia. Uma força centrífuga, para que essas atividades que, com o tempo, se instalaram nesse anel externo, atraiam essas populações das cidades, viam mais em função dessas atividades ou da atividade rural do cinturão interno. De modo que é uma vista, a grosso modo, um pouco teórica. Esses dois anéis levarão a uma solução muito racional da ocupação da área de Brasília.

Agora, há de fato o propósito de considerar que a ala norte não existe ainda praticamente. Existe, mas está inacabada, mas ela vai absorver uma grande população. Mas é preciso prever, de fato, áreas de expansão para essa população, que é, digamos, burguesa, de várias categorias e que ocupa as quadras e a cidade propriamente dita. Quer dizer, para essa população é preciso prever áreas, para quando a ala norte for concluída. Nunca antecipar ocupação de qualquer outra área, enquanto a ala norte não... O importante agora é concentrar na ala norte e procurar corrigir os vários inconvenientes, mesmo no setor comercial da ala norte, que não existe.

O governador Serejo Farias, que teve a gentileza de estar comigo um pouco antes, há algum tempo, logo depois de tomar posse, levou ao meu conhecimento e, aliás, há um propósito antigo da criação do futuro lago de São Bartolomeu, a barragem de São Bartolomeu, e criaram um enorme lago, três vezes, talvez, o tamanho do lago atual. Entre esses dois lagos haverá uma área com uma futura expansão da cidade, vinculada à matriz, mas sem se emendar com ela, uma coisa à parte. Isso, naturalmente, implicará, para o futuro, na necessidade do estudo de vias rápidas de acesso, de conexão, não só com essa área a ser urbanizada, como os extremos — Taguatinga e Sobradinho. Mas, isso é um problema futuro, quer acho não vale a pena especularmos, agora muito nesse sentido, enquanto tem ainda tanta coisa a fazer na própria cidade.

Estão dramatizando muito

Tenho a impressão de que dramatizam um pouco, quando falam em problemas tão graves e tão insolúveis. Acho que, naturalmente, são pequenos problemas que, provocam certas situações inconvenientes, mas corrigíveis, e que devem ser corrigidos. Deve ser estudada uma maneira melhor de se corrigir-las, porque esses pequenos problemas, às vezes, avultam e dão a impressão de que são problemas insolúveis, graves, de que a cidade precisa ser reformulada. Não é tanto assim!

Eu gostaria de que, nos trabalhos de seminário, estivesse presente esse fato: na realidade, não se trata de uma reformulação, em termos de especulação “urbanística de Brasília” propriamente da área da Matriz dessa área. Gostaria que isso ficasse de fato dentro desse parâmetro, dentro desse limite e que fossem então realizados todos aqueles complementos, visando à famosa humanização da cidade. Nesse sentido, há casos que têm de ser encarados de frente e de uma forma decisiva. Primeiro, o caminhamento de pedestre. O caminhamento de pedestre é uma necessidade. Sendo uma necessidade, é preciso que se estude esse caminhamento de pedestre, que está desarticulado, segmentado, e se procure a maneira, mais racional, mais simples, sem grandes sacrifícios, de conectá-los, para que o pedestre possa percorrer, caminhar e circular de um setor da cidade para o outro com a devida tranquilidade e segurança. Isso é um ponto fundamental que precisa ser corrigido.

Plataforma igualzinha

Mas, de qualquer maneira, outro ponto que eu acho que a cidade continuará anômala e claudicante, enquanto não for feito o centro urbano no lugar onde foi especificamente determinado. Quer dizer, o centro urbano da cidade, o cor da cidade — toda cidade tem um cor, nós todos temos — é preciso que esse cor, esse centro, seja construído. E ele atualmente está sendo construído de uma maneira inadequada. Ele, infelizmente, os pavimentos terrenos não foram tratados da forma devida para atrair a população para aquela área. Mas, ainda tem muitos passos e o que já existe pode ser e terá que ser corrigido, a começar pela própria plataforma de cima. A Plataforma, treze anos depois, está igualzinha. Ninguém fez nada porque ficaram todos meio assustados sem saber o que fazer de modo que aquela área central ficou uma área inhospita, uma área preciosa, no cruzamento dos dois eixos, uma perspectiva que veio, lá do hotel, aquela vista comovente de manhã, à tarde, aquela presença serena, aquela coisa digna, bela que tem que ser mantida e aquilo é jogado fora. É preciso criar essas condições necessárias. Havia, naturalmente, a previsão daquelas grandes praças de pedestres, aquelas áreas verdes, aquelas áreas de lazer, aquelas áreas de planos de contorno do tráfego. Enfim, houve várias coisas nesse sentido e agora é o momento da nova administração e do Seminário considerarem esse aspecto e corrigir o que está errado, para tornar possível a criação desse centro. Sem ele, Brasília ficará capenga e uma cidade faltando um apoio. Uma cidade não pode deixar de ter o seu foco de convergência. Fiquei chocado porque a Plataforma está lá desde o começo. Entretanto, o setor sul, esse setor em frente à Plataforma, foi construído abaixo da quota da Plataforma. Quer dizer, a calçada está num nível e os prédios estão abaixo, 40, 50 centímetros, sem a ligação com a calçada. É uma coisa estranhíssima. Como é que pode ter ocorrido isso? Foi um lapso e não sei como não foi corrigido em tempo, nas sucessivas administrações. Não é de ontem, nem de hoje, vem de longa data, essa deficiência, essa falha.

Pareceu-nos que talvez a solução fosse nessa parte já rebaixada, de usar um artifício: avançar a calçada das lojas, cafés e restaurantes (refere-se ao Setor de Diversos SUI) que deveriam estar ali, colocadas sobre a calçada. Cobrindo a calçada, ficariam esses terraços mais altos, a cavaleiro da calçada, com vista da Esplanada. Era uma maneira de se corrigir esse erro da forma como está. Acho que ainda é muito possível criar-se condições para que esses dois conjuntos atraiam a população. Primeiro, facilitando o acesso para as áreas internas, criando-se portões de dupla altura no acesso que conduz aos cinemas, teatros previstos e boutiques.

"É um milagre"

Os esclarecimentos que estava pretendendo prestar creio que já os prestei.

O meu apelo final seria, precisamente, de não se esquecer esses dados fundamentais. Isso que é Brasília, esse milagre que é Brasília, essa coisa que de fato é inexplicável, mas que pôde ocorrer. É um milagre. De fato, se ocorreu foi porque todos tinham consciência que era uma nova página do país. Era uma página que se virava, pois aquele período todo desde a Colônia, aquele período admirável colonial, essa penetração, essa consciência, como construíram, como fizeram coisas admiráveis os nossos antepassados desse período. Depois, o 1.º Reinado, aquela implantação do país, a Independência com D. Pedro I, e D. Pedro II, o 2.º Reinado. Pedro II, o Servidor Público n.º 1, como se diz. Nunca houve um servidor público como D. Pedro II. Tudo isso consolidou o Brasil. Depois, a República 1.ª fase, a fase puritana tão bonita. Mas, depois disso tudo, havia chegado o momento de virar uma página e de implantar um Brasil definitivo. Isso é o que acho. E me sinto bem em saber que encarei o problema à altura. A cidade foi concebida em termos de Brasil definitivo. Uma cidade que foi feita para ficar, para permanecer e para traduzir com dignidade o Brasil que é uma fase. Não um Brasil novo, diferente, mas um Brasil que continua, e continua voltado para o futuro. Enfim, sabe lá, que vem por aí.

Muito obrigado. Queiram desculpar-me.

Um homem, há 16 anos, sonhou com a cidade que ajudamos a construir e onde, ainda hoje, trabalhamos para completá-la.

Homenagem a Lúcio Costa, o inventor de Brasília.

Soares Leone S.A.

Construtora Eldorado Ltda

ECEL-Escritório, de Construção e Engenharia S/A

Carvalho Hosken S.A. Engenharia e Construções Antonio Venâncio e Cia Ltda.